

RESENHA

MARXISMO E NATUREZA

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Das dialektische Verhältnis des Menschen zur Natur**: Philosophische Studien zu Marx und zum westlichen Marxismus. Freiburg; München: Karl Alber, 2018. 259 S.¹

Michael Löwy²

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

Uma primeira edição deste livro apareceu em 1984: era um trabalho pioneiro! Bem antes da redescoberta da ecologia de Marx nos Estados Unidos a partir dos anos 2000, o trabalho propunha uma análise rigorosa dos escritos marxianos sobre a relação das sociedades humanas com a natureza.

Mas, como observa ironicamente o autor em um novo prefácio em 2018, neste momento o livro aparecia muito tarde para o debate sobre a questão em Marx e muito cedo para a discussão ecológica. Um capítulo foi publicado em francês: “A relação dialética do homem com a natureza: estudos da problemática da natureza em Karl Marx sob uma perspectiva histórico-filosófica”, em: U. Brand, M. Löwy (Eds.), *Globalização e crise ecológica: uma crítica da economia política pelos ecologistas alemães*. Paris: L’Harmattan, 2011.

A nova edição está consideravelmente ampliada, com, como seu título indica, um substancial estudo sobre o debate do tema da natureza no marxismo ocidental. O conjunto se distingue ao mesmo tempo pelo rigor filosófico e pelo engajamento político radical do autor. Uma das proposições mais originais de Schmied-Kowarzik é a referência à filosofia da natureza

¹ Esta obra de Schmied-Kowarzik foi traduzida da língua alemã para a portuguesa por Rosalvo Schütz com o título de *A relação dialética do homem com a natureza* e publicada pela Editora da Unioeste, em Cascavel, 2019. A resenha de Michael Löwy foi anteriormente publicada em *Actuel Marx*, Paris, 2019/1, n. 65. Tradução do francês: Jadir Antunes, professor de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. [N.T.].

² Diretor emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) em Paris (França). E-mail: michael.lowy1@gmail.com

de Schelling como fonte dos estudos de Marx e da crítica marxiana da alienação da natureza.

Em seu ensaio de 1809 sobre a liberdade humana, Schelling já via no veneno do egoísmo a causa da separação do homem com a natureza, conduzindo à autodestruição humana. Contudo, Schelling não soubera analisar as formas concretas desta contradição mortal. Foi a análise destas formas concretas e de sua contradição a contribuição decisiva de Marx ao tema da relação homem-natureza, mesmo que esta problemática não tenha ocupado, por razões evidentes, um lugar central na sua reflexão.

Temos geralmente ignorado, observa o autor, a profunda influência da filosofia da natureza de Schelling sobre o jovem Marx, a começar por sua tese de doutorado sobre Demócrito e Epicuro, onde a dialética schellinguiana entre liberdade e natureza ocupa um lugar central.

Esta dialética é também um dos principais temas dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, onde o jovem Marx definia o comunismo como sendo ao mesmo tempo humanização da natureza e naturalização do homem, isto é, como o transpassamento do conflito entre ambos. A crítica da brutal submissão da natureza pela avidez do lucro da indústria capitalista é denunciada tanto nos *Manuscritos* quanto, de maneira ainda mais explícita, no ensaio crítico sobre Friedrich List de 1846.

Se examinarmos os escritos de Marx sobre a crítica da economia política, somos tomados, sublinha Schmied-Kowarzik, pela surpreendente sensibilidade, para esta época, com os problemas ecológicos. O autor de *O capital* critica a ruptura, provocada pelo capitalismo, do metabolismo entre as sociedades humanas e a natureza e denuncia o caráter destruidor do “progresso” capitalista no domínio agrícola, conduzindo à ruína das fontes da fertilidade.

Nós não somos, insiste Marx, os proprietários da Terra, nós devemos protegê-la para o uso das gerações futuras. Malgrado seus limites, a reflexão de Marx é um ponto de apoio decisivo para a confrontação atual com a crise ecológica.

Encontramos na primeira edição do livro alguns breves comentários sobre a evolução deste debate no marxismo, mas, na nova edição ampliada, esta discussão ocupa cerca da metade do volume.

Segundo o autor, Friedrich Engels vai desenvolver uma aproximação positivista e objetivista da natureza, que encontramos, de forma ainda mais pronunciada, em Kautsky e Lênin, os principais pensadores da IIa e da IIIa Internacionais.

Se Karl Wittfogel e Max Adler possuíam o mérito de perceber a natureza como fundamento da produção social e da vida humana, seus escritos não propunham uma crítica das

formas alienadas da relação humana com o meio natural.

Esta crítica está ausente também nos trabalhos de Alfred Sohn-Rethel, cujas reflexões de inspiração kantiana sobre a teoria do conhecimento não são de grande valor para se enfrentar a crise ecológica (se pode questionar, por isso, por que este autor ocupa um capítulo nesta discussão...).

Quanto a Georg Lukács e Jean-Paul Sartre, sua dialética idealista acaba por esvaziar a questão da natureza. Ao contrário, a crítica, dos anos 1930, de Henri Lefebvre e Herbert Marcuse à racionalidade técnico-científica (unidimensional) dominante é importante para a reflexão ecológica.

Contudo, para Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, o filósofo marxista mais importante deste ponto de vista é Ernst Bloch. Inspirado por Schelling – a quem elogia “a concepção neo-epicurista da natureza” –, Bloch é um dos raros pensadores a ousar uma reflexão filosófica sobre o mundo natural. Ele é também um dos primeiros a propor, partindo de Schelling e Marx, *uma aliança entre o homem e a natureza*, notadamente no capítulo “Vontade e natureza” de sua obra *O princípio esperança*. Para Bloch, esta aliança encontra sua expressão política na práxis revolucionária que põe fim à destruição capitalista dos fundamentos naturais da vida.

No prefácio à primeira edição (1984), o autor cita a *Dialética do esclarecimento* (1944) como sendo uma obra profética devido à crítica radical de um progresso que, durante seu avanço, esmaga cegamente os homens e a natureza.

Segundo Adorno e Horkheimer, no universo técnico da racionalidade ocidental, “a dominação da natureza torna-se um fim em si mesmo”, conduzindo à autodestruição e/ou ao “esmagamento do conjunto da flora e da fauna da Terra”.

Contudo, curiosamente, não se faz qualquer referência a esta questão posta pelos fundadores da Escola de Frankfurt no grande capítulo sobre o marxismo ocidental na edição de 2018. Esta seria, possivelmente, a principal lacuna desta excelente obra.

Referências

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Das dialektische Verhältnis des Menschen zur Natur**: Philosophische Studien zu Marx und zum westlichen Marxismus. Freiburg; München: Karl Alber, 2018.

_____. **Das dialektische Verhältnis des Menschen zur Natur**: eine philosophiegeschichtliche Studie zur Naturproblematik bei Karl Marx. Freiburg; München: Alber, 1984.

_____. Le rapport dialectique de l’homme à la nature: études de la problématique de la nature chez Karl Marx dans une perspective historico-philosophique. In: BRAND, U.; LÖWY, M. (Eds.). **Globalisation et crise écologique**: une critique de l’économie politique par des écologistes allemands. Paris: L’Harmattan, 2011.